

EDUCAÇÃO E VALORES PARA A DEMOCRACIA: CONSTRUÇÃO DA PERSONALIDADE MORAL AUTÔNOMA E FORMAÇÃO DO EDUCADOR

Maria José de Oliveira Palmeira*

RESUMO: *Investigação que analisa a multidimensionalidade do processo de formação do educador, numa perspectiva que vai além dos discursos pedagógicos contemporâneos, que enfatizam os domínios racional-cognitivo; emocional-afetivo; comportamental-volitivo. Põe em evidência a importância de uma dimensão de complementaridade que considere a realidade física, intelectual, espiritual, sócio-econômica, afetiva e moral dos sujeitos dessa formação, seus valores culturais e história, numa perspectiva de formação para os valores democráticos, sustentados por uma postura dialógica que reflete sobre a relação autonomia/heteronomia no processo educativo, no contexto de uma proposta pedagógica e suas bases axiológicas.*

Palavras-chave: educação em valores, educação moral; processos educativos.

INTRODUÇÃO

A educação brasileira por muitas décadas vem definindo como prioritária a dimensão cognitivo-racional da personalidade humana em detrimento das dimensões afetivo-emocional e volitivo-conductual. Considerando as conseqüências que isto vem trazendo para o indivíduo e a sociedade, a preocupação, hoje, de muitos estudiosos da educação é a grande necessidade de oferecer uma formação ao futuro educador que contemple todas as dimensões da personalidade humana e possibilite desenvolver as competências, as atitudes, as habilidades e os valores necessários para um viver pessoal e social mais feliz e produtivo.

Os estudos que vimos realizando na UCSal, inserem-se nessa preocupação e têm como objetivo principal o de pesquisar e oferecer processos formativos/educativos que desenvolvam competências, atitudes, habilidades e valores que habilitem os educadores em formação a contribuir e participarem na construção de uma ação profissional e social centrada numa dimensão moral e ética, com vistas à felicidade individual e ao bem comum. Integra um projeto de investigação interinstitucional e mais amplo de estudos sobre Educação e Democracia com vistas à construção da personalidade moral autônoma na formação dos educadores.

Nossa proposta com este artigo é a de contribuir com as reflexões de outros estudiosos neste campo, em torno de um programa educativo/formativo baseado em princípios e valores universais, centrado na crítica permanente da realidade, de seu cotidiano e de como transformá-lo. Nele estaremos nos referindo em especial à importância de trabalhar a formação integral do ser, dando especial atenção à consideração dos valores socioculturais. Compreendemos, com Josep Maria Puig e companheiros de investigação do GREM¹, que é importante a definição / identificação de valores mínimos comuns que possibilitem uma convivência pacífica e o respeito à autonomia e às diferenças.

* Docente – pesquisadora em Sociologia e Políticas Públicas da Escola de Serviço Social e Escola de Engenharia da UCSal e do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da UNEB. Líder do Grupo Interinstitucional de Pesquisa Sociaprende: Educação em Valores para a Democracia UCSal/UNEB/IAENE/Univ. Barcelona/Univ. Paris XIII.

¹ Grupo de Recerca (pesquisa) da Universidade de Barcelona.

Piaget (1998), na área da psicologia cognitiva, assim como Habermas (1980), na área da filosofia, desenvolveram estudos complementares que oferecem embasamento para uma ação educativa mais ampla que considere os valores socioculturais, especialmente os morais, elementos sempre presentes em tudo o que o homem faz. As psicologias cognitivas do desenvolvimento moral entendem estes como a progressiva construção de um pensamento moral autônomo em interação com o meio.

As normas morais podem e devem ser argumentadas e compartilhadas pelos implicados. Com uma visão pedagógica complementar, Puig (1996), utilizando os fundamentos filosóficos-psicológicos referidos, reconhece os aspectos positivos dos diversos modelos de educação em valores existentes (socialização, esclarecimento de valores, desenvolvimento e formação de hábitos virtuosos) e propõe a teoria da construção da personalidade moral que considera como elementos chave desta construção a adaptação do indivíduo à sociedade e a si mesmo, a transmissão da cultura e dos valores desejáveis, aquisições procedimentais (o juízo moral, a compreensão crítica e a auto-regulação), e construção da própria biografia. São importantes os conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais no processo de construção da personalidade moral, devendo ser considerados a autonomia, o respeito às diferenças e o diálogo como critérios básicos deste modelo de educação moral. A autonomia é então um critério básico na formação do ser e, segundo Knight (2001, p. 52), o educador deve compreender que “[...] as pessoas são seres que podem pensar e assim tomar decisões relativas a seu próprio destino [...] os alunos em uma escola devem ser educados a pensar por si mesmos em lugar de responder a palavra de autoridades”. Nesta linha de pensamento, considerar os aspectos compreensivos da realidade sociocultural prepara o indivíduo e a sociedade para considerar e respeitar a identidade nacional e a diversidade cultural, contribuindo para a formação do indivíduo em sua dimensão cidadã. É assim indispensável que os educadores se preocupem em desenvolver um trabalho educativo que considere as vivências e experiências dos estudantes que estão repletas de valores, e, a partir da realidade sociocultural, promovam a formação para a vida, para o exercício de uma cidadania consciente e crítica.

EDUCAÇÃO EM VALORES E EDUCAÇÃO MORAL

Cabe, aqui, fazer uma pequena introdução didática para situar melhor o enfoque que desenvolveremos, no âmbito da **educação em valores e da educação moral**, na perspectiva da formação/educação por projetos, como veremos adiante. Compreendemos que a educação moral abrange os valores políticos, sociais, estéticos, religiosos, morais e outros, os quais estão intimamente relacionados no contexto de uma determinada cultura. A dimensão moral está em tudo que se refere a coisas vitalmente importantes e que sejam fonte de conflitos, sensível a normas e divergências. Nesta compreensão, no âmbito da moral, estão todos os temas que afetam a possibilidade de viver uma vida digna e humana, quer se refiram à vida individual, quer afetem decisões públicas: educação moral não é educação política, religiosa, social etc., porém os problemas específicos destes âmbitos sempre estão associados a uma determinada moral.

Em sentido amplo, poderíamos entender **educação moral** como sinônimo de socialização, com o objetivo de integrar o indivíduo à sociedade, porém, apesar da importância que este tipo de processo tem na vida de cada um, pensamos que a educação moral não está limitada à socialização. Supõe certa busca de ruptura do equilíbrio entre o indivíduo e o meio em benefício da fidelidade à própria consciência, erigindo-se como lugar de mudança e de emancipação pessoal e coletiva. **A educação moral insiste no conflito interno, e o trabalho de temas problemáticos e controvertidos é o seu conteúdo básico.**

A educação moral, em seu sentido restrito, implica um forte componente adaptativo e uma decisão consciente. Entendemos, com Puig (1966, p.66), que a educação moral, como

construção, deve desenvolver-se mediante esforço de “elaboração ou reelaboração das formas de vida e dos valores que se consideram corretos e adequados para cada situação”. Requer a adaptação à sociedade e a si mesmo, a transmissão dos elementos culturais e de valor, aquisições procedimentais (capacidades de juízo moral, compreensão crítica e auto-regulação), para a formação da consciência moral autônoma e a construção da própria biografia e narrativa.

Para Payá (1997, p. 150) “La educación, cuando es verdadera educación, es educación en valores, es educación moral”. “No hay educación sin moral, porque sin moral ninguna educación será posible”.

Estamos no âmbito da educação moral quando abordamos temas vitalmente importantes. “Siempre que nos encontramos ante una temática que de alguna forma afecte en algo relevante a la vida humana estaremos ante un tema moral”, J. M^a; Martínez (1989, p. 22). Compreendemos, assim, que as temáticas e áreas de trabalho como educação para a saúde, educação para a paz, educação ambiental, educação para a cidadania, educação para a inclusão social, educação para a sustentabilidade, entre outras podem ser consideradas como temáticas que estão repletas de valores, problemáticas e conflitos, constituindo-se, portanto, conteúdos da educação moral.

A educação moral, em sentido restrito, supõe certa busca de ruptura do equilíbrio entre o indivíduo e o meio em benefício da fidelidade à própria consciência, erigindo-se como lugar de mudança e emancipação pessoal e coletiva. A educação moral insiste no conflito interno, e o trabalho de temas problemáticos e controvertidos é o seu conteúdo básico. Nela deve se dar um tipo de socialização indireta e reflexiva, aceitando-se valores de amplo consenso e humanamente desejáveis como a justiça, a solidariedade, a liberdade, que impregnam a Declaração dos Direitos Humanos.

Nesta compreensão, é importante educar em valores, atitudes e normas que possibilitem a convivência, sendo que, em sociedades democráticas, é fundamental educar na possibilidade do acordo, do respeito entre as pessoas, sem imposições, respeitando a individualidade de cada um. Em síntese, a educação em valores caracteriza-se pela sua amplitude, sendo que a educação moral enfoca, basicamente, as situações que implicam conflitos de valores.

DESENVOLVIMENTO DO TEMA DO TRABALHO

Trata-se de uma pesquisa exploratório-diagnostics, realizada utilizando uma abordagem quantitativa e qualitativa, com tratamento analítico-descritivo dos planos de curso e das práticas dos docentes dos cursos de formação de educadores em 03 (três) Faculdades de Educação no Estado da Bahia, sendo 02 em Salvador (UCSal e UNEB), e 01 no interior do Estado (IAENE), que analisará os Projetos Pedagógicos dessas Faculdades, os planos de curso dos professores, seus conteúdos e métodos, e suas práticas, à luz da axiologia.

Considerando que esta é uma investigação em andamento, iniciada em julho 2003, é importante resgatar que, dessa data até o momento, já foi identificado o referencial teórico indispensável e adequado às abordagens pretendidas; selecionados os autores que, em seus respectivos campos de estudo (filosófico, pedagógico, econômico, psicológico e sócio-antropológico), fornecerão suporte teórico-metodológico à investigação pretendida; fichadas as obras selecionadas e discutidas coletivamente no grupo; elaboradas resenhas das contribuições mais relevantes desses autores; desenvolvidos sub-projetos de pesquisa articulados, dos quais este é um sub-projeto específico.

Continuando essas atividades, para o período agosto 2004 a agosto 2005, esta pesquisa buscará identificar, via um questionário e a observação sistemática, que valores os cursos de formação de educadores dessas faculdades vêm propondo desenvolver no educador em formação e como o vêm fazendo. Esta identificação será feita, tomando como referência a categoria analítica dos valores mínimos universais (que enfatizará os valores de: construção da autonomia,

justiça, participação e respeito ao diferente), todos estes valores amplamente contemplados quando se trata de uma educação para a democracia. Para isso serão entrevistados, também, professores e coordenadores dos cursos de formação de educadores selecionados, sempre que este procedimento se revelar necessário à complementação dos dados empíricos e sua interpretação.

Para fins metodológicos, foram definidos os termos seguintes, respaldada nos quais a investigação empírica nas faculdades de educação selecionadas se fará:

Autonomia: o valor da autonomia quando se refere ao indivíduo, é associada à noção de liberdade (PUIG, 1998). Nas organizações o conceito de autonomia é associado ao sentido de dependência e independência (PERRENOUD, 2001). Nas organizações educativas, e muito especialmente nas Universidades e IES, as normas de funcionamento e as linhas de ação que nascem das instâncias colegiadas definem o conteúdo desse conceito. Visto que autonomia é “a submissão do indivíduo a uma disciplina que ele próprio escolhe e a qual ele elabora com sua personalidade” (PIAGET, 1998, pág. 17), é essencial a participação criativa do indivíduo para evitar as conseqüências de um trabalho centrado na heteronomia, com respeito unilateral baseado no afeto ou no medo e posterior câmbio de comportamento quando livre de pressão.

Justiça: o valor da justiça é compreendido aqui com base na ética cristã, enquanto equidade e imparcialidade. (KNIGHT, 2001). Será perseguido no conjunto dos procedimentos administrativos e acadêmicos, através da transparência nas decisões, a explicitação e socialização das regras, normas e mecanismos de avaliação do fazer institucional, coletivamente aprovadas. A pesquisa contemplará, também, indicadores de busca da justiça social, particularmente no que se referem à inclusão de estudantes carentes, sempre que o orçamento institucional assim o permitir.

Participação: Valor democrático aqui entendido como estruturante da descentralização, podendo produzir efeitos tanto sobre a satisfação dos diversos sujeitos como sobre sua produtividade (MAXIMIANO, 1995 e PATERMAN, 1970, cit FERREIRA, 1997). No nível geral da administração, a participação é aqui associada aos objetivos de um maior controle por parte dos diversos segmentos (alunos, docentes, funcionários e sociedade), o que exige uma maior liberdade de escolha nos processos administrativos, responsabilidade, valorização da capacidade de tomada de decisão, na resolução de problemas com postura de co-responsabilidade e na efetiva democratização das práticas da Instituição.

Respeito ao diferente: o respeito ao outro e a si mesmo é um valor essencial na proposta pedagógica de formação dos educadores com ênfase nos valores democráticos. O respeito às idéias viabiliza a convivência pacífica e construtiva, promovendo a aceitação da diversidade. Isso significa ouvi-las (ou lê-las) cuidadosamente, discuti-las, analisá-las, discordar e ou concordar de maneira argumentativa, coerente e consistente. O respeito é um valor indispensável num mundo plural, sendo fundamental contemplá-lo em uma proposta de formação de educadores.

VALORES UNIVERSAIS MINIMOS

A busca de valores generalizáveis, possíveis de integrarem uma proposta de ética universal para a convivência, vem fundamentando os diversos modelos de educação moral adotados através da história. Se há uma característica que define o mundo atual, esta poderia muito bem ser o pluralismo. Vivemos em um mundo plural, em sociedades abertas e



secularizadas, desconfiamos dos grandes ideais e estamos confusos e desorientados, admitindo com Guimarães (2000) que, se, de um lado, boa parte da população dificilmente enfrentará questões científicas e que são muitos os que têm uma vaga experiência estética, de outro, todos ou quase todos têm que enfrentar, cedo ou tarde, problemas morais.

Tem toda pertinência introduzir aqui a abordagem sócio-cultural-transformadora, representada pela contribuição de Paulo Freire, segundo a qual a educação deve incluir uma reflexão sobre o homem e uma análise do meio de vida desse homem concreto, sendo este o sujeito de sua educação. Se não houver a análise do meio cultural, pode-se realizar uma educação pré-fabricada, não alcançando o homem ao qual se destina. Para Freire (1974, p. 42):

“É preciso que a educação esteja em seu conteúdo, em seus programas e em seus métodos, adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo e estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história.”

Paulo Freire insiste no conhecimento da vida da comunidade local. O que se chama hoje de pesquisa do meio deveria ser feito pelos educandos com a colaboração do professor. Não se pode ensinar matemática, biologia ou ciências naturais sem se pesquisar o meio. Sob uma ótica libertadora, a educação deve ligar-se à mudança estrutural da sociedade opressiva, embora ela não alcance este objetivo imediatamente, muito menos, sozinha.

Como sabemos, a obra de Paulo Freire, reconhecida mundialmente, propunha-se usar a cultura popular para melhorar o ensino. Criou os “Círculos de Cultura”, para que, a partir do diálogo, uns ensinassem aos outros. Para ele educar é conhecer, é ler o mundo para poder transforma-lo, visando a libertação dos oprimidos. O aprender como prática da libertação refere-se a um construtivismo com politicidade do conhecimento, problematizando a existência pessoal e da sociedade. Destaca assim a necessidade de uma razão dialógica comunicativa. O conhecimento é um ato histórico, gnosiológico, lógico e dialógico. O pensamento de Paulo Freire é humanista e dialético.

No seu livro “A Educação na Cidade”, Freire se refere à necessidade de o professor engajar os alunos para viverem no mundo da diferença e da solidariedade entre diferentes. A escola precisa preparar o cidadão para participar de uma sociedade planetária, tendo de ser local, como ponto de partida, mas chegando a ser internacional e intercultural, como ponto de chegada. Concluindo com a afirmação de que os currículos multiculturais, que levam em conta a cultura do aluno ou cultura popular, sua realidade psicossocial e econômica, seus valores e ética subjacentes, são mais eficazes para despertar o interesse do aluno e darem suporte à construção de personalidades morais mais autônomas.

CONCLUSÃO

Na década de noventa, inspirado na obra de Paulo Freire, nasceu um movimento a favor da educação para e pela cidadania, onde o aluno é o sujeito da sua formação, curioso, autônomo, auto-disciplinado, cidadão do mundo, participativo, respeitador das diferenças e solidário. O currículo da escola cidadã é considerado espaço de relações sócio-culturais, do debate das relações sociais e humanas. Nos últimos anos, a concepção de escola cidadã foi marcada pela eco-pedagogia, buscando educar para uma sociedade sustentável, preparando o sujeito que opera e transforma o mundo e dando ênfase à educação como um processo que deve se preocupar com o ser humano como uma unidade ativa e autônoma.

Assmann (1998, p. 226), ao oferecer elementos aos educadores para o reencantamento² com a educação, afirma que “educar significa defender vidas”. Nesta perspectiva mais ampla da educação, é acentuado o já reconhecido entrelaçamento entre processos vitais e processos do conhecimento.

Esta pesquisa, ainda em realização, reflete sobre a importância dos processos educativos enquanto processos vitais, na compreensão de que uma dada sociedade, para desenvolver-se, necessita da formação e da ação de seus cidadãos, e formar pessoas implica educar em valores, contemplando o desenvolvimento de uma consciência crítica e pensar autônomo, comprometidos com seu espaço concreto e real de atuação.

Vimos desenvolvendo a reflexão tomando como referência a concepção de *educação* como um processo de adaptação gradativa ao meio (que pode aperfeiçoar-se continuamente), e que requer pensar autônomo como meio de acesso à cidadania consciente e participativa, sempre na compreensão de *homem* como um ser cognitivo-racional, afetivo-emocional e volitivo-conductual, capaz de pensar, sentir e atuar.

REFERÊNCIAS

ASSMAN, H. **Metáforas novas para reencantar a educação, epistemologia e didática**. Piracicaba: Unimep, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. 12^a. Edição. São Paulo: Paz e Terra, 1999

GUIMARÃES, S.O. **Capoeirucu: o povo e o povoado**. Salvador: Quarteto, 2000.

HABERMAS, J. Réplica e Obligaciones. In: **Teoria de la acción comunicativa: complementos y estudios previos**. Madrid: Cátedra, 1994, p. 339-478

KNIGHT, G. **Filosofia da Educação**. Engenheiro Coelho, São Paulo, 2001

MARTINEZ, M.M. **El Contrato Moral Del Pofesorado**. Bilbao: Editorial Desclèe de Brouwer, 1998.

PAYÁ, M.S. **Educacion em Valores para uma sociedade aberta y plural: aproximacion conceptual**. Bilbao: Editorial Desclèe de Brouwer, 1997.

PUIG, J.M. **La Construction de la Personalidad Moral**. Barcelona: Paidós, 1996

² Para o filósofo Hugo Assman, em seu livro *Metáforas Novas para Reencantar a Educação* (1996, p. 111), o reencantamento da educação significa o entusiasmo no processo pedagógico por criar e ver emergir a alegria de conhecer dos aprendizes a partir de formas vivencias de experiências do conhecimento, uma vez que os processos vitais os processos do conhecimento são indissociáveis